

ASSOMBRAÇÕES

Coordenação: Dra. Maria Elci Spaccaquerche e Dr. Léon Bonaventure

Autoconhecimento e a dimensão social (0)

- *Encontros de psicologia analítica*, Maria Elci Spaccaquerche (org.)
- *Família em foco (A): sob as lentes do cinema*, Marfiza Terezinha Ramalho Reis; Maria Elci Spaccaquerche
- *Jung, o médico da alma*, Viviane Thibaudier
- *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô*, Anônimo

Contos de fadas e histórias mitológicas

- *Gato (0): um conto da redenção feminina*, Marie-Louise von Franz
- *Individuação nos contos de fada (A)*, Marie-Louise von Franz
- *Interpretação dos contos de fada (A)*, Marie-Louise von Franz
- *Mitologemas: encarnações do mundo invisível*, James Hollis
- *O que conta o conto?*, Jette Bonaventure

Corpo e a dimensão fisiopsíquica

- *Dioniso no exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo*, Rafael Lopez Pedraza
- *Medicina arquetípica*, A. J. Ziegler
- *Presença no corpo: eutonia e psicologia analítica*, Marcel Gaumond

Feminino (0)

- *Deusas e a mulher (As)*, Jean Shinoda Bolen
- *Liderança feminina: gestão, psicologia junguiana, espiritualidade e a jornada global através do purgatório*, Karin Jironet
- *Medo do feminino (O)*, Erich Neumann
- *Mistérios da mulher (Os)*, Mary Esther Harding
- *O que conta o conto? (II) – Variações sobre o tema mulher*, Jette Bonaventure
- *Prostituta sagrada (A)*, Nancy Qualls-Corbett

Masculino (0)

- *Deuses e o homem (Os)*, Jean Shinoda Bolen
- *Pai e a psique (O)*, Alberto Pereira Lima Filho
- *Sob a sombra de Saturno*, James Hollis

Maturidade e envelhecimento

- *Assombrações: dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas*, James Hollis
- *No meio da vida: uma perspectiva junguiana*, Murray Stein
- *Passagem do meio (A)*, James Hollis

Psicologia e religião

- *Uma busca interior em psicologia e religião*, James Hillman

Psicoterapia, imagens e técnicas psicoterápicas

- *Abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério (O)*, Adolf Guggenbühl-Craig
- *Letras imaginativas: breves ensaios de psicologia arquetípica*, Marcus Quintaes
- *Mistério da coniunctio (O): imagem alquímica da individuação*, Edward F. Edinger
- *Mundo secreto dos desenhos (O): uma abordagem junguiana da cura pela arte*, Gregg M. Furth
- *Mundo interior do trauma (O): defesas arquetípicas do espírito pessoal*, Donald Kalsched
- *Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças: padrões básicos de intercâmbio emocional*, Mario Jacoby
- *Psiquiatria junguiana*, Heinrich Karl Fierz
- *Saudades do paraíso: perspectivas psicológicas de um arquétipo*, Mário Jacoby

Puer (0)

- *Livro do puer (O): ensaios sobre o arquétipo do puer aeternus*, James Hillman
- *Puer aeternus*, Marie-Louise von Franz

Relacionamentos e parcerias

- *Eros e pathos: amor e sofrimento*, Aldo Carotenuto
- *Parceiros invisíveis (Os): o masculino e o feminino*, John A. Sanford

Sombra

- *Mal, o lado sombrio da realidade*, John A. Sanford
- *Pantaneais da alma (Os)*, James Hollis

Sonhos

- *Aprendendo com os sonhos*, Marion Rausch Gallbach
- *Breve curso sobre os sonhos*, Robert Bosnak
- *Como entender os sonhos*, Mary Ann Mattoon
- *Pã e o pesadelo*, James Hillman
- *Sonhos e a cura da alma (Os)*, John A. Sanford
- *Sonhos na psicologia junguiana: novas perspectivas no contexto brasileiro*, VV.AA.

JAMES HOLLIS

ASSOMBRAÇÕES

Dissipando os fantasmas
que dirigem nossas vidas



Título original: *Hauntings – Dispelling the Ghosts who run our lives*
© 2013 – Chiron Publications, Asheville, North Carolina

Tradução: *Daniel Françoli Yago*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenação editorial: *Dra. Maria Elci Spaccaquerche*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hollis, James

Assombrações: dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas / James Hollis; [tradução Daniel Françoli Yago]. — São Paulo: Paulus, 2017. — Coleção Amor e psique.

Título original: *Hauntings: dispelling the ghosts who run our lives*
ISBN 978-85-349-4485-4

1. Fantasmas - Aspectos psicológicos 2. Influência (Psicologia) 3. Memória autobiográfica
4. Subconsciência I. Título. II. Série.

16-08950

CDD-155.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Assombrações: Influências passadas: Psicologia 155.92

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televentas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**



1ª edição, 2017

© PAULUS – 2017

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4485-4

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa de alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas para as nossas feridas e os nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma assim como ela é. Desse modo é que poderemos reconhecer que essas feridas e esses sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Essa perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si

mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de inserir mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

*Este livro é para
Jill,
Taryn, Jonah, Seah
e Timothy, que está sempre comigo.*



*Com especiais agradecimentos a Liz Harrison,
agente e amiga,
e Siobhan Drummond,
cujos excelentes olhos foram da maior ajuda
para este manuscrito.*

... Os fantasmas que o deixam dormir,
Que falam, se é que de todo falam,
No ouvido mais próximo do travesseiro,

Ofertam-lhe garantias de aurora
Enquanto seus corpos vagamente palpáveis
Tocam-lhe qual estranho vento...

- Stephen Dunn, “Dormindo com fantasmas”

PREFÁCIO

PRESENCAS ESPECTRAIS

Este não é um livro sobre fantasmas no sentido usual do termo. Não haverá Ebenezer Scrooge algum nestas páginas, nenhum fantasma de Marley arrastando cadeados para arruinar o dia de um narcisista miserável. Mas todos nós arrastamos correntes metálicas barulhentas. Não consegue escutá-las? Não consegue notá-las em sua família? Não consegue vê-las serpenteando por entre as páginas de seu diário? Henrik Ibsen conseguiu, e muito antes que a psicologia profunda tal como conhecemos se tornasse o que é. Ele intuiu em profundidade o impacto de histórias não examinadas sobre o presente. No fim das contas, ele nomeou sua peça de 1882 de *Espectros*, pois sentia que seus contemporâneos em Oslo eram governados por presenças invisíveis: influências de ancestrais mortos, de valores ultrapassados, de mortíferos roteiros que se apresentavam. De modo que ele fez com que uma de suas personagens dissesse:

Mas estou inclinado a pensar que somos todos espectros... Não se trata somente das coisas que herdamos de nossos pais e mães que vivem em nós, mas toda sorte de velhas ideias mortas e velhas crenças mortas e coisas do tipo. Elas não vivem de fato em nós, mas lá estão, de todo modo, enraizadas, e não podemos extirpá-las por conta própria. Basta somente que eu pegue um jornal e quando o leio parece que vejo fantasmas errando por entre as linhas. Devo achar

que existem espectros por todo o país — incontáveis como grãos de areia. E somos, todos nós, tão lamentavelmente temerosos da luz.¹

James Joyce — que passou sua vida brilhante, miserável e fugitiva em exílio, escrevendo somente acerca de sua maldita/amada Eire — chegou a semelhante conclusão em sua história de 1914, “Os mortos”. Ele sabia que devia deixar seu país, sua igreja e sua família. O que ele mais amava, por ser regido pelo passado — a hegemonia estrangeira, a Igreja opressiva, o fardo da tradição, especulação coletiva e prática —, não mais o amava e valorizava como a alma única que ele foi. Então, quando contemplava a azáfama de Dublin, ele não via vida além de morte e o gradual acinzentamento das almas pelo peso de seu fardo coletivo. Portanto, “um por um, estavam se tornando penumbras. Melhor passar audaciosamente para aquele outro mundo, na total glória de alguma paixão, que desvanecer e murchar funestamente com a idade”.² E assim ele se lançou a uma vida de pobreza e exílio, auxiliada somente pela muito explorada Nora e seu próprio gênio obsessivo e mitopoético.

Contemporaneamente, seu conterrâneo W. B. Yeats caçava fantasmas obsessivamente, chegando a entrar em muitas sociedades que buscavam contato direto com o mundo espiritual, entre elas a Ordem Hermética da Aurora Dourada. Sua esposa, que ele conheceu numa dessas sociedades, supostamente canalizava as vozes do mundo espiritual, que vieram, afortunadamente, “trazer-lhe metáforas para a poesia”.³ Muitas de suas 26 peças, incluindo sua última, *Purgatório*, de 1938, lidavam direta-

¹ Henrik Ibsen, *Ghosts and Other Plays* (Nova York: Penguin, 1964), p. 61.

² James Joyce, “The Dead” in *Dubliners* (Nova York: Dover Publications, 1991), p. 152.

³ W. B. Yeats, introdução de *A vision* (Nova York: MacMillan, 1938), p. 8.

mente com a presença do outro mundo nos negócios deste. Nessa mesma época — tempo entre a erosão do literalismo bíblico e os sucedâneos comprovadamente inadequados da cultura contemporânea —, Carl G. Jung descobriu que a mãe era médium; ele compareceu a mais de uma sessão espírita e posteriormente escreveu sua tese de doutorado da escola de medicina sobre as “vozes” que apareceram, num desses encontros ocultos, incorporadas por sua prima Héléne Preiswerk, igualmente mediúnica. Contudo, ele também não ficou satisfeito com as respostas delas; ele buscou novas e, acredito, achou uma explicação psicológica para essas vozes incorpóreas e, tendo descartado fraudes e falácias, explorou meios pelos quais as presenças espectrais pudessem ser honradas sem serem literalizadas.

Nos estudos heurísticos de Jung, e em seu mapeamento do rico terreno da psique humana, partimos do medo, da superstição e da projeção desencadeadas pelos encontros com os profundos mistérios do mundo em que habitamos para compreender que todos os eventos mentais são, definitivamente, *interiores*. Não importando o que encontramos no outro mundo, seja lá qual for sua forma material, autônoma, nós o experienciamos, experimentamos e lhe atribuímos valor através de nossas psicologias individuais e coletivas. Assim é, assim tem sido, ainda que alguns tenham sido queimados na fogueira por assim o dizer.

Portanto, a tarefa diante de nós é considerar mais totalmente de que forma somos todos governados pela presença de formas invisíveis que perambulam através de nós, e através da história, e compreendê-las psicologicamente sem “psicologizá-las”. Psicologizar é reduzir algo a um mero estado mental. Ao longo de grande parte da história humana registrada, as pessoas têm acreditado em fantasmas e assemelhados: *daimons* que *visitam* tanto poetas quanto insanos, anjos que intermedeiam ordens

espirituais, para não mencionar *incubi* e *succubi*, e uma hoste de outros fenômenos psíquicos e estados de possessão. Nossos predecessores consideravam as fronteiras contíguas entre os mundos visível e invisível altamente fluidas, altamente permeáveis. Jung descreveu esse fenômeno intruso da seguinte forma:

Entre primitivos... a imago, a ressonância psíquica da percepção sensorial, é tão forte e tão cabalmente colorida que, quando é apresentada como uma imagem mnemônica espontânea, algumas vezes, ela até chega a ter a qualidade de uma alucinação. Portanto, quando a imagem mnemônica de sua falecida mãe reaparece repentinamente para o primitivo, é como se fosse o fantasma dela que ele vê e escuta. Nós somente “pensamos” sobre os mortos, mas o primitivo de fato os percebe em razão da extraordinária seriedade de suas imagens mentais. Isso explica a crença primitiva em fantasmas e espíritos; eles são o que chamamos simplesmente de “pensamentos”. Quando o primitivo “pensa”, ele literalmente tem visões cuja realidade é tamanha que ele constantemente confunde o psíquico com o real.⁴

Certamente, há mistérios, e nunca compreenderemos totalmente as dimensões inefáveis de nossas vidas. No entanto, compreendê-las “psicologicamente” implica obter duas dádivas:

- tornar possível uma maior liberdade pessoal ao compreender de onde vêm as influências que governam nossas vidas cotidianas, e como podemos trazer a consciência para nos opormos a elas quando necessário e para as servirmos quando desejável;
- e compreender que muito do que fascina o ego com relação ao literalismo e ao trabalho escravo pode ser visto em profundidade por aquilo que é — um sistema energético adquirido, herdado e culturalmente arquite-

⁴ C. G. Jung, *Psychological Types*, vol. 6, *The Collected Works of C. G. Jung* (Princeton: Princeton University Press, 1971), par. 46.

tado, ao invés de originado dos “deuses” ou da intenção holística de nossa alma.

Mas para começar este estudo, devo confessar que este livro em particular começou com uma espécie de “assombração”, uma presença perturbadora que não iria embora até que eu lhe concedesse atenção. Em certo ponto, fui obrigado a perguntar: por que você veio? E o que quer de mim? Estas são perguntas perturbadoras, mas fugir delas somente produziria sintomas compensatórios e posterior assombração.



Certa manhã, acordei de um intrigante sonho cujos motivos eram peculiares, intrincados, até mesmo hilariantes e, não obstante, prementes. Sonhei que estava em minha casa com minha esposa e minha filha (tanto a casa quanto o local eram amorfos, anônimos). Eu havia sido instruído por alguém que no outro recinto estava o corpo do general Grant, sim, aquele, Ulysses S. Grant, líder do Exército da União e posteriormente o 18º presidente dos Estados Unidos. Minha ambígua incumbência era guardar ou proteger seu corpo até que alguma autoridade anônima chegasse para levá-lo e cuidar dele devidamente. Na estranha lógica da vida onírica, não questionei a tarefa; aceitei-a sem debate.

De tempos em tempos eu andava para o outro recinto e olhava para a forma, que estava coberta por um lençol. Depois de algumas visitas, notei que o lençol havia se movido, progressivamente revelando uma parte de seu corpo. Perguntei à minha companheira se ela havia movido o lençol de lugar, mas ela objetou. Visitei novamente a sala, e o lençol estava ainda mais deslocado e agora revelava a parte superior do torso do falecido general. Sabendo da peculiaridade da situação, olhei à minha volta em busca

de outros “agentes” que pudessem ter movido o lençol, até mesmo correntes de ar que pudessem ter levantado o tecido, mas não vi nada. Uma visita subsequente revelou que o próprio corpo havia mudado de posição e agora apresentava uma careta em seu semblante, careta essa que sugeria incômodo.

Com considerável apreensão, inclinei-me sobre ele e sussurrei perante a face do general: “Você está bravo?”. Houve a mais branda afetação, e ouvi um débil gemido que soou como “sim”.

Nesse ponto, saí voando da sala e contei à minha companheira: “Ele está vivo, de algum modo... vivo!”. Ela sugeriu que eu chamasse alguma autoridade para contar-lhe que o general ainda estava vivo. Então, por alguma razão não muito clara para mim, liguei para a farmácia ao invés e contei a eles: “O general Grant ainda está vivo; ah, a propósito, eu preciso de umas canetas!”. Para meu desânimo, o farmacêutico que me atendeu cortou minha ligação e me transferiu para o departamento de canetas, e senti intensa frustração quanto ao fato de que a mensagem real — o general ainda está vivo — não tinha nem sido entregue, nem sido compreendida. Nesse momento, o despertador tocou, e fui convocado para um dia de trabalho. Senti profunda insatisfação ao perceber que não chegaria a conhecer o desfecho do sonho. Pareceu-me, como é frequente com os sonhos, que ele havia se passado ao longo de horas ao invés de minutos. Ademais, eu preferia saber do final da história a responder às responsabilidades daquele dia, e suspeitava que o mundo ordinário das aparências e obrigações mais uma vez barraria uma abertura para o extraordinário outro mundo dos sonhos.

Debaixo do chuveiro, pela manhã, meditei sobre o sonho, sorrindo para seu bizarro conjunto de imagens. Então, uma citação da qual gosto bastante veio à minha mente, e compreendi por que o sonho havia sido apresen-

tado para mim por quaisquer que sejam os poderes que existam. A observação é do novelista William Faulkner, que certa vez opinou que “o passado não está morto, ele nem sequer passado é”. Eu, então, compreendi o sentido do sonho no contexto de minha vida presente.

Encontrava-me num ponto de meu processo de envelhecimento, e em minha vida profissional, em que gostaria de desacelerar um pouco. Já queimara os pneus até tocar no aro ou, nas palavras do oeste texano, estava “usado e cansado”.⁵ Já havia publicado meu 13º livro e decidido que seria o último! Certamente, a essa altura eu já havia dito tudo que tinha para dizer — os dois últimos capítulos modestamente remetem ao enigma da morte e asseveram que o sentido da vida é descoberto ao longo da jornada, e não no seu destino. O que mais existe para além de tais temas? E, francamente, eu estava cansado de me ouvir falar. Ao mesmo tempo, agora, tal como aconteceu com meus últimos livros, houve ocasionais cotoveladas vindas do inconsciente: um lampejo de uma pintura, um pensamento parcialmente formulado, uma intimação de alguma tarefa acompanhada de uma resposta afetiva. Para mim, escrever é tanto alegria quanto dor, como é para a maioria das pessoas. É a ação mais misteriosa que conheço, a mais onerosa, a mais imperativa e exigente, mas também a mais recompensadora de se fazer, ou melhor, de ter feito... E eu estava absolutamente cansado dela. Como o escritor Thomas Mann certa vez observou, “escrever é uma atividade que é especialmente difícil para aqueles que são escritores”, e eu queria uma vida normal, para variar. Que haveria de errado em chegar em casa e conversar mais com a minha esposa, ou assistir ao jogo dos Rockets, ou ler um livro martelado na forja de outra pessoa?

⁵ “Rode hard and put up wet”, no original. (N.T.)

Ainda assim, um tema continua voltando a aparecer em minha vida pessoal, na prática psicoterapêutica diária, ao assistir ao espetáculo da história desvelar-se a partir de seus modos familiares: a *persistência do passado*. Todos nós acreditamos ser pessoas feitas pelo próprio esforço, vivendo conscientemente, tomando decisões certas, tendo boas intenções, e somente quando as consequências se empilham à nossa volta questionamo-nos quanto a essa presunção. Nessas dolorosas ocasiões, até podemos ser levados a perguntar: o que realmente está acontecendo aqui? Quem está no comando de minha vida, de verdade? Coletivamente, vivemos numa cultura que descarta o passado como se ele fosse irrelevante, e individualmente estamos convencidos de que nos criamos do zero todo dia. Mas como um terapeuta em diálogo com um cliente, trabalhando no mundo palpável toda hora, hora após hora, foi-me inelutavelmente forçada a ideia de que nós também nadamos no mar tenebroso de um tempo “atemporal”. Não que não estejamos residindo no passado em nosso trabalho terapêutico, mas somos inevitavelmente impelidos a testemunhar que o momento presente é informado pelo passado, conduzido pelos seus imperativos, suas prescrições e proscricções. Ou o repetimos pela incorporação de sua mensagem ou tentamos escapar dele, ou aprimoramos nosso “plano de tratamento” inconsciente para ele. De qualquer modo, é o passado que manda, pelo menos até ser descarregado à plena luz da consciência. Mas quem é que realmente deseja lidar com a possibilidade de que pode estar repetindo ou fugindo da vida dos pais ao invés de viver a sua própria? Quem deseja atentar para a possibilidade de que estamos a despejar carma ruim em cima das gerações por vir?

Também aprendi, por experiência pessoal, treinamento profissional e exemplo clínico que há uma inteligência mais profunda que nossos egos trabalhando na vida de todos nós. (O que, afinal, produziu aquele estranho sonho?)

Eu certamente não o invoquei de qualquer enquadramento consciente.) Nossos egos são frágeis *wafers* em um vasto mar, mesmo quando nossas biografias separadas flutuam entre os destroços e refugos de histórias que não são nossas próprias. Sentindo sua fragilidade nesse opressivo *mare nostrum*, o ego inflaciona sua importância e proclama, sobretudo para si mesmo: eu sei quem eu sou; eu estou no comando aqui; *eu sei o que eu sei; e o que eu sei é suficiente para tomar decisões apropriadas para mim mesmo*. Algumas vezes, cada vez mais frequentemente, o resultado de tal inflação obriga reconsideração e recriminação, e nos perguntamos: onde eu estava com a cabeça? Ou então reconhecemos que havia outros fatores agindo além daqueles de que estávamos conscientes no momento do ato. Tais momentos de *insight* são vexatórios, até mesmo humilhantes, mas deles recebemos a sensação desagradável da presença do invisível em meio ao mundo visível.

Agora, de volta ao sonho bizarro do general morto que, ao que parecia, *não* estava morto. Li recentemente uma nova biografia de Abraham Lincoln, dado que celebramos seu bicentenário, sem contar que cresci em Springfield, Illinois, além de ter Lincoln como uma parte inescapável de minha tapeçaria psíquica.⁶ Grant, outro cidadão de Illinois, não era alguém por quem eu era atraído, embora eu deva admitir que ficava profundamente impressionado com como ele, como o grande Lenhador, tinha, através da persistência, alcançado um grande destino depois de uma série de fracassos na primeira metade de sua vida. E também ficava comovido com como, dada a sua atribulada presidência e a agitação econômica de seus dias, que encontra paralelos com a condição atual, Grant, morrendo

⁶ Michael Burlingame, *The Inner World of Abraham Lincoln* (Champaign: University of Illinois Press, 1997).

de câncer, escreveu heroicamente sua autobiografia para auxiliar a família (até então não havia *talk shows* ou grupos influentes para pagar generosamente pela visita de alguma celebridade ou outra completa banalidade, como outros políticos estão fazendo enquanto escrevo). Em vez disso, perante a dor e o desespero, a morte iminente, ele convocou a si próprio para escrever. Ele finalizou o livro que daria sustento à sua família poucos dias antes de morrer de câncer.

Será possível que essa imagem tenha algum significado para mim? Será que o cadáver estava “bravo” por ser tratado como morto quando ainda nem sequer havia morrido? Será que, ao contrário da minha vontade, eu fui incumbido dessa responsabilidade pelo passado, que não era mais permitido à minha consciência letárgica ficar sentada ali, velando o corpo, e que, querendo eu ou não, eu seria direcionado por alguma outra autoridade ao departamento de canetas? O que, é de se perguntar, se espera que a pessoa faça com uma *caneta*? É possível que a psique autônoma estivesse me chamando novamente à minha vocação, ação bastante independente do desejo lamurioso do ego por cessação, ações essas que, como Jung observou em seu ensaio sobre a realização da personalidade, são intimações que recebemos para viver nossa vida, *vocatus*, um chamado à existência, distintas da consciência dos desejos? Será que o Self, a sabedoria superordenada e a energia intencional de cada pessoa, se interessa pouco pelo meu conforto ou pelos meus desejos triviais, mas tem pelo menos mais uma tarefa para me dar? Pensar assim, no clima de nosso tempo de fugas, hedonista, poderia constituir algo bastante peculiar... ou algo bastante irresistível.

Para o leitor que é novato em relação ao trabalho com a psique, o sonho com o general Grant pode parecer uma fantasia bizarra, o tipo de fantasia que todos nós temos e que costumamos destituir como tola: o produto de uma in-

digestão ou a repetição do que vimos no jornal da noite logo antes de adormecer. Eu costumava acreditar nisso. Afinal, o que poderia ser mais improvável que a Musa surgindo, não solicitada, na forma do general Grant? Gastei as últimas décadas trabalhando com o mundo invisível que conduz o plano visível, e agora o conheço melhor. Conheço o suficiente para não desprover o sonho de sua importância mesmo quando à primeira vista o considerei tanto engraçado quanto opaco. Também conheço o bastante para manter-me ocupado com ele, de modo que lentamente, inevitavelmente, através de um longo dia de compromissos com os outros, os fragmentos do *insight* emergiram à superfície: os mortos não estão mortos; os rapazes de Illinois lutam e revidam através da fadiga e derrota iminente até chegar ao destino; o destino comanda, seja com a caneta, seja com a espada, e impõe a sagrada obrigação de mostrar-se em face do desejo de uma vida normal, casual.

Tais engajamentos com o mistério constituem o que a vida nos convoca a assumir. Não é o que desejamos, mas o que a vida, aparentemente, deseja de nós. Para acreditar nisso, deve-se também acreditar no mistério de algum modo, isto é, que somos mais do que meros corpos materiais que tomam um momento para dançar para, em seguida, apodrecer. Se realmente compreendêssemos esta vida, ela não seria um mistério, e qualquer coisa que compreendêssemos seria somente um tolo artefato das ferramentas limitadas da vida consciente. Existem outras forças em curso das quais a consciência tem somente o mais obscuro dos entendimentos, embora nossos ancestrais tenham relatado encontros similares, assim como deixado para trás relatos muito disparatados por milênios.

Será que algum de nós realmente acredita que estamos aqui para fazer dinheiro e depois morrer? Estaríamos aqui somente para dar seguimento à propagação das espécies? Para que viver, então? Por que simplesmente não

“perder, e cessar de perder” como Samuel Beckett escreveu em *Fim de partida*? O que é que anima esta matéria ao nascimento, nos percorre por dentro, deixa sua opinião registrada por meio de nossos sentimentos autônomos, nossos sistemas somáticos e energéticos, e então parte após a morte? O que motiva nossa espécie a ter vida simbólica, seja num concerto ou num campo de concentração? O que a vida pede de nós, e como podemos responder a essa convocação? A vida importa, no final das contas? E se importa, ela importa de que modo? Como crianças, todos nós nos perguntamos e até vivemos essas perguntas, e muitos de nós as esqueceram na agitação e nos abusos reiterados da vida diária. Mas nossas escolhas refletem nossos valores e as respostas que assumimos para essas questões, estejamos conscientes delas ou não. Tornar-se mais consciente, então, é tanto uma intimação quanto uma obrigação. Meu sonho foi a intimação, este texto é a obrigação.

Então este é o início do meu novo livro. Não foi uma escolha minha, pelo menos não do “eu” que se dirige ao leitor diretamente neste momento. É, contudo, não o “eu” como o da consciência egoica, mas algum outro “eu” que foi chamado ao serviço, que covardemente trilha em direção à estrada, marchando ao sul rumo a lugares desconhecidos, rumo ao inconsciente. Anos antes de mim, outros filhos de Illinois marcharam para muitos lugares estranhos, terríveis e ir-resistíveis com nomes mágicos como Chickamauga, Shiloh, Manassas, Chickahominy, Spotsylvania, Antietam — joias opalescentes em uma meada de sofrimento. Eles também, por certo, estavam exaustos e assustados, e mesmo assim seguiram, e nós os honramos pelo caminho trilhado. Quem sabe quais lugares mágicos seremos levados a visitar em nosso tempo, pois as forças que nos movem cursam em profundezas que nunca poderemos compreender. O passado não está morto; ele nem sequer passado é. E aquilo a que resistimos persistirá — como assombração.